

# humanitas

Vol. LI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HUMANITAS

Vol. LI • MCMXCIX



Em suma: estamos perante um trabalho de inegável qualidade científica, não apenas na sua componente teórico-descritiva (na introdução), como na sua vertente mais eminentemente prática (edição crítica e tradução). Conhecer ou revisitare o *De reciprocatione 'sui' et 'suus'* de Valla nesta edição permitirá, sem dúvida, aos que tenham interesse e dúvidas sobre esta matéria, aprofundar, guiados pelas reflexões do grande humanista, um assunto gramatical que ainda hoje é fonte de muitas perplexidades, sobretudo quando se tem a difícil tarefa de (o) ensinar.

Virgínia Soares Pereira

LÓPEZ GRIGERA, Luísa, *La Retórica en la España del siglo de Oro: teoría y práctica*, Ediciones Universidad de Salamanca, 1994, 189 pp.

Nos últimos anos, a investigação das disciplinas da filologia e da estética literária têm-nos habituado a uma justa revalorização da Retórica, essa milenária disciplina que, como sabemos, foi um dos eixos fundamentais da formação humanística desde a Antiguidade grecolatina até à formação do homem moderno. E se em pleno Renascimento, com Petrus Ramus, assistimos à quebra da unidade *res et uerba*, não faltaram prontos esforços – sobretudo da parte dos jesuítas – por recuperar a unidade perdida, aquela que fazia da Retórica a disciplina que ensinava a organizar o pensamento e a exprimi-lo adequadamente. Prevaleceu no entanto a tendência para identificar a Retórica apenas com a segunda função, e ainda hoje associamos predominantemente a Retórica ao ornato, com seus numerosos tropos e figuras.

O que nem sempre acontece é recordar que a reflexão das retóricas renascentistas sobre a elocução não foi sempre a mesma, nem as suas diferenças têm que ver simplesmente com platonismos, nem aristotelismos – como pensam autores como M.A. VÁZQUEZ MEDEL (*Historia y Crítica de la reflexión estilística*, Sevilha, 1987) – mas constituem antes grandes correntes retóricas, como ciceronianismo, ramismo, hermogenismo, etc. É esse o fio condutor da obra de Luísa López Grigera, que em dois anos conheceu duas edições. Nela se reúne um grupo de trabalhos elaborados nos últimos dez anos, já publicados uns, outros ainda inéditos, de importância e originalidade assinaláveis, que pretendem apontar a existência simultânea de diferentes estilos literários na Espanha do século XVI.

Embora não obedeça a um plano previamente estabelecido, o livro acabou por ser construído com certa unidade. Parte da constatação dos distintos estilos literários no século de Ouro espanhol, para reconstruir as sucessivas teorias elocutivas que os sustentam. Detectado o fenómeno dos diversos “*cambios de norma*” estilísticos na prosa áurea, explica a autora, impunha-se buscar as respectivas causas: as teorias retóricas, especialmente no capítulo da *compositio*, apresentaram-se como a raiz teórica de tal fenómeno (p. 10).

O livro divide-se em duas partes. A primeira estuda alguns aspectos diacrónicos das teorias retóricas presentes nos tratadistas do Renascimento espanhol. Na segunda

a autora tira as consequências práticas desse estudo e aplica a história da Retórica clássica à análise de uma selecção de textos literários do século de Ouro.

Após um primeiro capítulo em que se apresenta uma introdução à retórica como o principal código de produção da literatura do Renascimento, a autora descreve o lugar que ocupava aquela disciplina em várias universidades espanholas, de acordo com os professores, as cátedras e os tratados teóricos e livros de exercícios eleitos por aquelas instituições de ensino.

No terceiro capítulo, onde me parece que se encontra o maior esforço de síntese, a autora tenta estabelecer as diferentes correntes de Retórica na Espanha do período aúreo, articulando-as dentro do Humanismo europeu e procedendo a uma primeira tentativa de classificação geral de várias gerações de tratadistas espanhóis. A primeira corrente seria aquela representada pelos seguidores de teorias e modelos clássicos (ciceronianos, ramistas e anticiceronianos). Mas López Grigera chama a atenção para a importância (esquecida) de uma outra corrente, representada pelas retóricas gregas pós-aristotélicas a partir da publicação do Tratado de Trebizonda em Alcalá, em 1511, para uso da cátedra de Retórica naquela Universidade. A tradição retórica bizantina, de não menor importância na produção literária de toda a Europa, é precisamente o objecto do quinto capítulo, que nos faz chegar a surpreendentes conclusões acerca da projecção do pensamento de Hermógenes, Demétrio e Dionísio de Halicarnasso na Espanha do Renascimento e do Barroco, sobretudo a partir do último terço do século XVI.

Os restantes capítulos da primeira parte são estudos sobre outros problemas linguístico-retóricos, sem esquecer as influências de Erasmo sobre as teorias da gramática e da retórica, a provar que Erasmo continuava a ser lido, mesmo após as proibições da Inquisição.

Na segunda parte do livro, o capítulo mais significativo parece-me ser o primeiro, em que a autora consegue demonstrar a eficácia da metodologia adoptada, analisando o estilo de Frei António de Guevara à luz de uma das formas estilísticas de Hermógenes.

Outro exemplo da fecundidade da tradição bizantina para o entendimento da produção literária do Renascimento e do Barroco é ainda a tese, sustentada pela autora, de que aquilo a que a crítica literária do século XX chama “realismo” literário do século de Ouro não é mais do que *“la conjunción de ciertas técnicas de la retórica que se fundamentan en el uso de una figura de pensamiento destinada a mover los afectos del destinatario del discurso: la eidentia”*. (cap. III da segunda parte).

Apesar das condicionantes próprias de uma obra que não nasceu de acordo com um plano previamente elaborado, o livro de Luisa López Grigera tem o mérito de esboçar linhas fundamentais para um estudo sistemático das teorias e da prática da retórica, num período importante da produção literária europeia, e de ir corajosamente em busca da singular influência da cultura bizantina sobre o mundo ocidental e particularmente sobre Espanha, não apenas sobre a literatura neolatina como também sobre a literatura em vernáculo. E se, após a actual redescoberta da Retórica, a tradição clássica greco-romana tem gozado de bastantes estudos, só nos

últimos anos é que a investigação sobre a retórica grega pós-aristotélica recebeu a atenção de George Kustas, George A. Kennedy, Annabel Patterson, Debora Shuger e John Monfasani, com frutos que parecem apaixonar os estudiosos.

Neste livro, Luisa López Grigera traz um contributo novo para o estudo daqueles que, como Paul Oskar Kristeller (*Renaissance Thought and its Sources*, New York, Columbia Univ. Press, 1979), chamaram a atenção para a singular importância da cultura bizantina sobre o Renascimento Europeu e sobre o mundo ocidental.

Parece-me portanto inegável o interesse desta obra, até para o estudo do Renascimento e do Barroco literário em Portugal (quer se trate de literatura neolatina, quer de literatura portuguesa), se quisermos abordar a literatura do nosso Humanismo sem interpretações apriorísticas de quem reduz a uma só peça a riquíssima tradição retórica Antiga.

*Margarida Miranda*

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO – *Para a história do humanismo em Portugal*. III. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda (Colecção Temas Portugueses), 1998, 306 pp.

Um terceiro volume, que aparece agora, na sequência de outros dois já publicados com o mesmo título, em 1988 e 1994.

Recorde-se que o primeiro volume, *Para a história do humanismo em Portugal* I, foi agraciado com o prémio Laranjo Coelho, atribuído pela Academia Portuguesa de História, que distingue o mérito científico e a dedicação do reconhecido investigador.

A actual obra apresenta uma sugestiva capa com o retrato da Infanta D. Maria, filha de D. Manuel, emoldurado por um puro vermelho e o título a branco.

É uma colectânea de estudos que se compõe de três partes: as duas primeiras têm por referência a figura luminar do nosso primeiro humanismo, o italiano Cataldo Parísio Sículo («Humanismo no tempo de Cataldo»; «Humanismo depois de Cataldo»); a terceira centra-se no conciliador humanismo cristão dos Jesuítas («José de Anchieta» e «Os quatro fidalgos japoneses (1582-1590)». Acresce ainda uma última secção, intitulada «Recentiora».

Não se trata apenas de um repositório de trabalhos já publicados, pois engloba importantes estudos inéditos: «II. Cataldo e a Expansão Ultramarina»; «VII. Erasmo em Portugal no séc. XVI»; «XXV. A Missão Japonesa (1582-1590)»; «XXVII. Os quatro fidalgos japões em Coimbra (1585)».

Na primeira parte (pp. 15-60), apresentam-se os alvares do Humanismo Renascentista entre nós.

Os numerosos trabalhos publicados na Universidade de Coimbra, designadamente os saídos, nos últimos trinta anos, do Seminário de Latim Renascentista,